

Da Sensibilidade e Renovação em relação à Sentimentalidade e Refinamento (Clarificação).

A sensibilidade é um estado holístico, integral e não fragmentado, enquanto a sentimentalidade é uma questão menor que conduz à desintegração e à fragmentação. Na sensibilidade há renovação, renascimento e ressurreição, enquanto na sentimentalidade só existe o cultivar do refinamento e a continuada re-fabricação da ficção ilusória sentida como “Eu”, com as suas ideias e projecções permanentes. A sensibilidade morre, de momento a momento, em relação a toda a sentimentalidade e, assim, vai vivendo, momento a momento, no êxtase da liberdade, enquanto a sentimentalidade é divisão e delusão que conduz ao desejo ardente e languidez, na confusão da consciência corpórea limitada. A sensibilidade não se reúne, pedaço a pedaço, nunca se cultiva e não é um estado emocional. A sensibilidade não possui os sons harmónicos do romantismo e da fantasia. Somente uma pessoa sensitiva pode estar desperta para a actualidade sem cair em julgamentos e jargões, opiniões e obsessões, assunções e imputações. Esta sensibilidade é a austeridade de ver e de perceber. É a destruição de todos os desejos e procuras estúpidas. Está despida de toda a sentimentalidade e de todos os seus movimentos de prazer. Há um grande prazer no refinamento e nas suas ofertas, posturas e actividades. A via do refinamento não tem fim, com todos os seus conflitos, contradições e penas. Há sempre o escolhedor compulsivo e altamente condicionado, o mesmo que continua a refinar (clarificar, purificar) e que conduz à actividade auto-limitada, de distanciamento, a separação que também gera muita vaidade. Sentimentalidade e refinamento são precisamente fenómenos auto-centrados, contudo glorificados esteticamente e moralmente. Há satisfação no processo de refinamento, mas não a alegria da profundidade. É, na verdade, muito superficial e insignificante. Sentimentalidade é mente, mas a sensibilidade é vida sem fim. A supressão da santidade é a insensibilidade à santidade e a obtusidade brutal, que, infelizmente, é tida em tão alto apreço pela “moral” convencional! Para tornar a consciência mais estúpida e obtusa, inventaram-se e espalharam-se por toda a parte ideais e conclusões. Todas as formas de sentimentalidade, quer sejam apuradas ou em bruto, desenvolvem a reacção e a ruína.

A sensibilidade floresce quando alguém se liberta de toda a sentimentalidade. Ser sensitivo, completa e intensamente, é não ter cicatrizes da memória sentimental, porque toda a cicatriz destrói a sensibilidade. Ser sensitivo, de momento a momento, sem escolha, é ser livre de cicatrizes, nunca permitindo a formação de qualquer cicatriz. A acumulação de resíduos psicológicos e sedimentos de cicatrizes psicológicas, produz tremenda obtusidade e distorções. E, então, a sensibilidade murcha.

A sentimentalidade ainda está dentro do âmbito do infortúnio, enquanto a sensibilidade questiona a estrutura do infortúnio e vai para além dele. Este questionar é, de longe, mais importante do que ir aos templos, às mesquitas, sinagogas e igrejas, que somente mantêm a estrutura. As perguntas sensitivas quebram a prisão mental, enquanto o refinamento sentimental erige novas e mais caras prisões, decoradas com deuses e redentores, com economistas e líderes. Interrogando pela consciência sensitiva e rebelde, destrói-se o mecanismo do pensamento e ele não se substitui por outros pensamentos, conclusões e teorias. Este interrogar despedaça a tão propalada autoridade e o mais respeitado dos males – o poder. Faz explodir a moral e o respeitável egocentrismo com todos os seus assumidos interesses. O egoísmo transforma-se permanentemente, nunca é esmagado. Esta modificação sem fim é o infortúnio sem fim, gerando mais agonia e desespero. O questionar explosivo realizado pela sensibilidade põe fim ao infortúnio. E, então, a compaixão e compreensão são qualquer coisa que os conceitos e conclusões nunca poderão medir.

A nossa mente é frívola e vazia, procurando permanentemente segurança psicológica, mas o facto é que esta entidade desejosa é uma ilusão, gerando somente medo. Aqui, ou de agora em diante, nada mais é seguro e permanente, excepto o céu. Pelo interrogar e ouvir sensitivo, o modelo moldado pela mente é despedaçado para que a vida aconteça. A mente gera pesar, e o amor é a liberdade em relação à mente.

A simplicidade é o caminho estreito para viver sem objectivos, avidez, deus e consolo. Um homem simples está na energia da presença. Não é uma personalidade fingindo ou projectando simplicidade. A humildade não é contra o orgulho, é a ausência de orgulho. Humildade é o estado natural da compreensão, mas o orgulho precisa de refinamento para ser apresentável. A sensibilidade é simplicidade e humildade. O sentimentalismo é complicado e cheio de orgulho. A sensibilidade é tranquila. O sentimentalismo é agitação.

Obrigado, Sensibilidade